

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

JULIO CESAR MATIAS DO NASCIMENTO*

LUZANA MACKEVICIUS BERNARDES**

LAIS FAJERSZTAJN***

ORIVAL SILVA SILVEIRA****

LOURDES MARTINS CONCEIÇÃO*****

RESUMO

A sexualidade torna-se muito evidente nos adolescentes, por isso, foi realizada uma revisão integrativa da literatura objetivando conhecer as características dos estudos e dos participantes em ações de educação em saúde sobre sexualidade na adolescência entre 2010-2016. A escola foi o principal lugar de intervenção e o Brasil o país com mais estudos. Nota-se escassez de informação sobre temas como IST/AIDS, gravidez, métodos contraceptivos e mudanças anatômicas e fisiológicas, percebe-se que ainda existem mitos e tabus sobre sexualidade. Há um distanciamento entre pais e filhos quando o assunto é sexualidade, a escola não desenvolve de forma eficaz o tema, a atenção básica em saúde possui baixa demanda de adolescentes e neste contexto o jovem tenta sanar suas dúvidas em fontes precárias. O machismo evidentemente faz com que garotos se sintam invulneráveis quando comparado às garotas que se colocam em submissão. A imagem corporal possui relevância, enquanto meninos buscam a modelação muscular, as meninas estão insatisfeitas com seu peso. A temática é bem aceita em ações de educação em saúde, provavelmente ligado a falta de informação e diálogo, por este motivo é necessário a criação do vínculo escola-família-UBS para ampliar o debate e criação de ações governamentais sólidas a respeito da educação em sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE

Educação em saúde. Sexualidade. Adolescência.

* Graduando de
Enfermagem -
Universidade
Católica de
Santos; jcmn.iap@
gmail.com

** Docente -
Universidade
Católica de Santos;
luzana.bernardes@
unisantos.br

*** Egresso do Programa
de Fisiopatologia
Experimental
(doutorado) -
Faculdade de
Medicina da
Universidade de São
Paulo; laisfajer@
gmail.com

**** Egresso do
Programa de
Pós-Graduação
Stricto Sensu em
Saúde Coletiva -
Universidade
Católica de Santos;
orivalss@gmail.com

***** Docente -
Universidade
Católica de Santos;
lourdesc@unisantos.
br

INTRODUÇÃO

A Carta de Ottawa fez com que a promoção da saúde recebesse maior destaque e mostrou uma nova abordagem com relação ao conceito de saúde, que antes era totalmente biológico, passando para uma visão holística, comprovando que saúde é influenciada por multifatores (WHO,1986).

Na promoção da saúde há grande importância da educação, ela é instrumento que reforma atitudes e comportamentos no indivíduo, promove a sua autonomia e desenvolve a melhoria da qualidade de vida (JANINI; BESSLER; VARGAS, 2015).

A educação que valoriza a pessoa tem como objetivo ajudar os mais fracos a tornarem-se fortes e mais seguros. Será eficiente quando as pessoas conseguirem maior controle sobre sua vida e saúde, quando tomarem consciência de seus problemas e decidirem melhorar a situação (WERNER; BOWER,1984).

Vasconcelos (2001) explana que a educação em saúde segue no sentido de uma prática pedagógica antropocêntrica e promove o aprendizado coletivo para o alavancamento do conhecimento e da crítica do indivíduo sobre a sua realidade, aperfeiçoando o enfrentamento das situações cotidianas.

O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que o adolescente é aquele em faixa etária entre 12 e 18 anos, ela também assegura que a estes sejam fornecidas “todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade” (BRASIL, 1990).

A adolescência é um período biopsicossocial no qual o indivíduo busca uma definição de seu papel social, determinado pelos padrões culturais do meio. É nesta fase de transição, desencadeada por hormônios sexuais, que se traduz psicologicamente por um súbito interesse sexual genital e na qual ocorre uma explosão de desejos, anseios, medos e inseguranças (PEREIRA et al., 2007).

A libido que se expressa com a chegada da puberdade soma-se à identidade e ao papel sexual do adolescente, há também o estabelecimento de novas relações com o próprio corpo que passa também a ter importância como objeto erótico. A socialização no sistema de valores do adolescente traz consigo muitas questões, principalmente de como ele será percebido e tratado pelos outros e a de assumir a sua sexualidade, influenciado em grande parte pela cultura de massa e a mídia (PALMONARI, 2004).

A adolescência por ser um estágio de transição entre a infância e a idade adulta deve ser considerada como um período de preparação deste indivíduo para a fase subsequente, fazendo com que o futuro de qualquer cultura seja fortemente influenciado pela maneira como o adolescente está sendo preparado (SANTROCK, 2004).

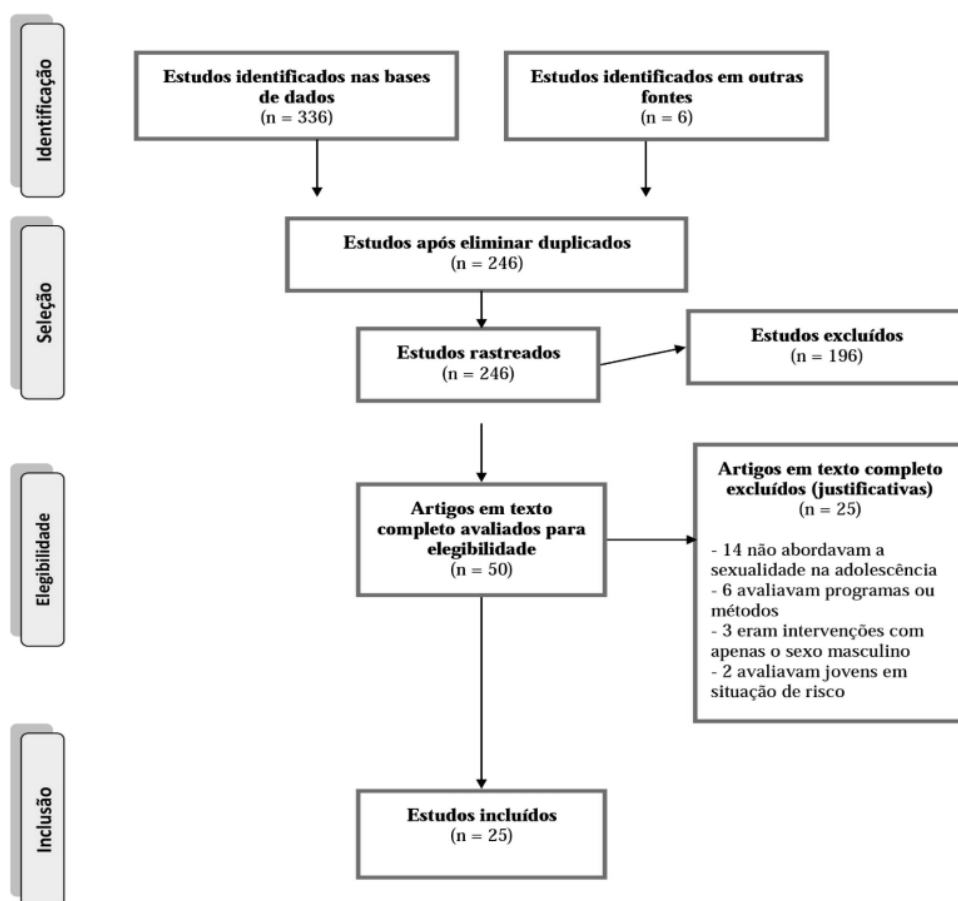
A complexidade que emerge desta temática é de extrema relevância, já que a educação em saúde é um importante instrumento para a formação de opinião, e empoderamento dos adolescentes. O objetivo deste estudo foi realizar revisão integrativa da literatura a respeito da educação em saúde sobre sexualidade na adolescência para conhecer as estratégias mais utilizadas e as suas características, identificar os principais interesses, dúvidas e conceitos dos adolescentes sobre sexualidade e identificar as conclusões dos autores a respeito das intervenções realizadas.

1. MÉTODO

Para esta revisão foram incluídos os estudos com abordagens qualitativas e quantitativas que apresentaram artigo com texto completo disponível gratuitamente nas bases de dados eletrônicas, em português, espanhol ou inglês para o período temporal de 2010-2016. Foram utilizados como descritores de busca os seguintes termos: educação em saúde; sexualidade; adolescente e seus equivalentes em inglês.

Os artigos selecionados nas bases de dados, após exclusão de duplicatas, foram analisados por dois profissionais especialistas em saúde coletiva, que através dos objetivos e critérios de elegibilidade deste estudo puderam selecionar de forma independente e individual, sendo eleitos 25 artigos para esta pesquisa, conforme demonstra a Figura 1.

Figura 1. Fluxograma do protocolo de seleção de estudos



Fonte: Próprio autor

2. RESULTADOS

Dentre as características gerais podemos destacar que a faixa etária dos participantes variou entre os 12 e 20 anos, com exceção do estudo de Koerich et al. (2010) no qual entraram indivíduos de até 24 anos. Há uma participação predominante das garotas, exceto no estudo de Sanhua et al. (2010) em que as meninas foram a minoria. Das 336 publicações rastreadas, foram selecionados 25 artigos sendo que o ano com maior número de publicações foi o de

2010 com 6 artigos (24%), seguido pelos anos de 2011 (20%), 2012 (20%) e 2013 (20%) com 5 artigos em cada ano, havendo ainda 3 (12%) que foram publicados em 2015 e apenas 1 (4%) em 2014.

O Brasil, com 20 artigos (80%), foi o país mais representado nos estudos, seguido por Portugal com 2 artigos (8%) e ainda o México (4%), Estados Unidos (4%) e Espanha (4%), sendo estes representados com 1 artigo cada. As escolas, como locais de escolha para os estudos, predominaram em 22 deles (88%), as Unidades Básicas de Saúde em 2 (8%) e ainda 1 deles (4%) num Centro Cultural.

Também ficou evidente a importância dos enfermeiros como promotores da saúde na maioria das pesquisas, sendo 13 estudos (52%) conduzido por eles, outros 7 estudos (28%) realizados por equipes multiprofissionais, 3 estudos (12%) feitos por psicólogos e outros 2 estudos (8%) pela área médica.

O Quadro 1 descreve os locais dos estudos selecionados, utilizaram métodos variados representados pela abordagem lúdica por meio de jogos (8%) com 2 artigos e teatro (4%) com 1 artigo, e ainda 6 trabalhos de abordagem quantitativa (24%), no entanto o modelo transversal de abordagem qualitativa foi o mais predominante, contando com 16 artigos (64%), sendo estes na sua totalidade de abordagem participativa (Quadro 2).

A abordagem participativa é desenvolvida por meio de oficinas de debate e grupos focais para exposição dos temas pertinentes, com ou sem recursos audiovisuais. O uso e criação de jogos e a representação teatral também aparecem como técnicas inovadoras e alternativas para facilitação do debate e exposição do tema.

Na contextura da sexualidade os temas mais recorrentes, e que geraram maiores dúvidas, pois eram de menor entendimento e familiaridade, e, conseqüentemente, os de maior interesse para discussão, foram os métodos contraceptivos (sendo os mais conhecidos a pílula e o preservativo masculino), as infecções sexualmente transmissíveis e síndrome da imunodeficiência humana - IST/AIDS (com AIDS, Sífilis e Gonorréia as mais citadas) e ainda as mudanças anatômicas e fisiológicas, evidenciando-se a escassez do conhecimento a respeito do próprio corpo e do autocuidado. É importante destacar também, uma precocidade no início da vida sexual, variando entre 13-15 anos.

Alguns mitos foram evidentes entre os participantes, como acreditar que seja fator de proteção contra as IST/AIDS ter um parceiro fixo e/ou usar contraceptivos orais e ainda considerar que homossexuais e profissionais do sexo têm mais chances de adquirir estas doenças, consideram também que o uso de camisinha dupla é fator de melhor proteção, associam sexo oral à gravidez e a possibilidade de transmissão do HIV através do beijo.

Mediante a análise dos artigos apontou-se convergência nas afirmações de que há baixa demanda de adolescentes na atenção primária e que o uso de preservativo masculino é negligenciado na presença de dois fatores: no caso de relacionamentos estáveis e a afirmação da diminuição do prazer ou quebra do clímax sexual.

As fontes primárias de informação a respeito da sexualidade, citadas pelos adolescentes, são precárias e sem garantia de veracidade, sendo os colegas os mais citados para sanar dúvidas e obter conhecimento e ainda a internet, através de websites.

A literatura apontou que a sexualidade não é bem desenvolvida no âmbito familiar, escolar e na atenção primária, devido o despreparo e falta de vínculo por parte dos profissionais de saúde, pais e educadores, sendo que a conexão entre família-escola-UBS garante atenção integral e espaço de debate aos adolescentes, com conseqüentemente empoderamento dos mesmos.

O conceito errôneo de que a sexualidade se resume ao ato sexual, é evidente nos adolescentes sendo associado à herança cultural mais conservadora, que através dos tabus acaba criando barreiras para a discussão mais ampla do tema. Levando ainda em conta a cultura conservadora, a ideologia machista é fortemente representada, corroborando desta forma para o surgimento de diversos riscos como o sexo não seguro, a gravidez precoce e a transmissão de IST/AIDS.

Há uma preocupação presente quanto à imagem corporal, mais acentuada nas meninas que se apresentam mais críticas com seu corpo, principalmente relacionado ao peso, já nos garotos a preocupação maior se encontrou no ganho de massa muscular, trazendo para a discussão a influência dos padrões de beleza no conceito e satisfação dos adolescentes quanto ao seu corpo.

Foi aberto em alguns estudos a reflexão e o diálogo a respeito da heteronormatividade, e ressaltado a importância de maior exploração deste tema no campo da sexualidade com o intuito de aproximar os adolescentes de outras realidades, do que é muitas vezes considerado como único e normal, neste caso a heterossexualidade.

Percebe-se o incentivo do reforço das políticas de conscientização a respeito da importância do uso da camisinha como método contraceptivo primordial e único no combate as IST/AIDS e seu uso incondicional, já que os adolescentes apresentam como fator principal do uso de preservativo a prevenção da gravidez e associam muito pouco à prevenção de IST/AIDS.

Os autores defendem e acreditam na educação em saúde como método capaz de facilitar, incentivar as escolhas conscientes e mudança de hábitos prejudiciais à saúde. Ainda é reforçado que o processo de mudança é algo gradativo e lento, não ocorre instantaneamente, e que apenas o conhecimento não é condicionante de mudanças, por isto é preciso ações de sensibilização com os adolescentes

Quadro 1. Informações gerais dos artigos selecionados

Autor/ano	Título	Local	Público
Koerich et al. (2010)	Sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e contracepção: atuação da enfermagem com jovens de periferia	Centro Cultural Escrava Anastácia em Florianópolis – SC Brasil	Jovens de 16-24 anos
Barbosa et al. (2010)	Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/AIDS	Escola Pública em Fortaleza – CE Brasil	Adolescentes de 14-19 anos
Silveira et al. (2010)	Educação sexual com adolescentes: uma abordagem de pesquisa participatória na escola	Escola Pública no Rio Grande do Sul Brasil	Adolescentes de 12-19 anos
Viero et al. (2015)	Educação em saúde com adolescentes: análise da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde	Escolas Públicas de Santa Catarina Brasil	Adolescentes de 11-17 anos
Constantine et al. (2015)	Short-term effects of a rights-based sexuality education curriculum for high-school students: a cluster-randomized trial	Escolas Públicas Los Angeles- CA Estados Unidos	Estudantes do ensino médio
Lago et al. (2015)	Una manera diferente de abordar la sexualidade, la contracepción, y la prevención de infecciones de transmisión sexual desde la escuela em la Costa da Morte	Escolas Públicas em Fistera Espanha	Adolescentes de 13-16 anos

Quadro 1 (continuação)

Sampaio et al. (2010)	Promoção da saúde sexual: desafios no Vale do São Francisco	USF em Juazeiro – BA e em Petrolina – PE Brasil	Jovens de 12 – 20 anos
Dias et al. (2010)	Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência	Escola Pública em Fortaleza – CE Brasil	Jovens de 12 – 20 anos
Sanhua; Roldán; Ayala (2010)	Asistencia de adolescentes mexicanos a servicios de consejería sobre sexualidade y reproducción	Escolas Públicas no México	Adolescentes de 12-16 anos
Souza (2011)	Adolescentes em cena: uma proposta educativa no campo da saúde sexual e reprodutiva	Escola Pública em Belo Horizonte – MG Brasil	Estudantes de 14-18 anos
Nogueira et al. (2011)	Criação compartilhada de um jogo: um instrumento para o diálogo sobre sexualidade desenvolvido com adolescentes	UBS - Vila Cafezal em Belo Horizonte – MG Brasil	Adolescentes de 10-14 anos
Pereira; Matos; Leal (2011)	Iniquidade, Etnicidade e Educação Sexual	Escolas Públicas e Particulares em Lisboa - Portugal	Adolescentes de 13-15 anos
Silva et al. (2011)	A educação em saúde junto aos adolescentes para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis	Escola Pública em Fortaleza – CE Brasil	Adolescentes de 14-18 anos
Martins et al. (2011)	Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio	Escolas Pública em Cuiabá – MT Brasil	Adolescentes de 14-17 anos
Theobald et al. (2012)	A universidade inserida na comunidade: conhecimentos, atitudes e comportamentos de adolescentes de uma escola pública frente a doenças sexualmente transmissíveis	Escola Pública em Canoas – RS Brasil	Alunos de 7ª e 8ª séries
Neto et al. (2012)	Programa de educação pelo trabalho para a saúde nas escolas: oficina sobre sexualidade	Escolas Públicas nos municípios de Ceres e Santa Isabel – GO Brasil	Estudantes do 6º ao 9º ano
Ribeiro; Pontes; Santos (2012)	Atitudes face à sexualidade nos adolescentes num programa de educação sexual	Escola Pública em Viana do Castelo Portugal	Adolescentes de 12-14 anos
Maia et al. (2012)	Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural	Escola Pública em São Paulo Brasil	Estudantes do 7º ano
Silva; Figueiredo (2012)	Educação sexual no ensino fundamental: o trabalho com alunos do 9º ano	Escola Pública em Anápolis – GO Brasil	Adolescentes de 13-17 anos
Martins; Horta; Castro (2013)	Promoção da saúde do adolescente em ambiente escolar	Escola Pública em Belo Horizonte – MG Brasil	Adolescentes de 11-13 anos

Quadro 1 (continuação)

Martins; Souza (2013)	Adolescente e sexualidade: as possibilidades de um projeto de extensão na busca de uma adolescência saudável	Escolas Públicas em Cuiabá – MT Brasil	Adolescentes de 13-15 anos
Silva et al. (2013)	Sexualidade na adolescência: relato de experiência	Escola Pública em Jequié - BA Brasil	Adolescentes de 15-18 anos
Santos (2013)	Atividades educativas em sexualidade com adolescentes na escola: relatando experiência	Escola Pública em Caçador – SC Brasil	Adolescentes de 10-15 anos
Pinto et al. (2013)	Educação em saúde para adolescentes de uma escola municipal: a sexualidade em questão	Escola Pública na Paraíba Brasil	Jovens de 16-20 anos
Costa; Machado (2014)	O corpo e a imagem corporal em adolescentes: perspectivas a partir do cuidado integral à saúde	Escola Pública em Niterói – RJ Brasil	Adolescentes de 13-17 anos

Fonte: próprio autor

Quadro 2. Características gerais dos estudos de abordagem participativa

Autor/Ano	Objetivos	Metodologia e Resultados
Koerich et al. (2010)	Discutir a sexualidade, contracepção e DSTs	Qualitativa. Jovens apresentaram desconhecimento sobre mudanças anatômicas e fisiológicas, sexualidade e métodos contraceptivos. Os profissionais de saúde devem expandir a atuação e ações de saúde com adolescentes, especialmente, sobre os temas abordados na pesquisa.
Barbosa et al. (2010)	Relatar o uso de jogos educativos em ações educação em saúde para adolescentes	Qualitativa. No pré-teste evidenciou-se o desconhecimento da maioria dos participantes sobre cuidados com o preservativo, já no pós-teste constatou-se a eficácia da atividade, demonstrando a assimilação da maioria das questões debatidas, favorecendo o processo educativo.
Silveira et al. (2010)	Caracterizar a percepção dos adolescentes sobre sexualidade	Qualitativa. Jovens com pouco conhecimento em relação à prevenção de DSTs e gravidez precoce; não conversam com os pais sobre suas dúvidas acerca da sexualidade; denotaram preconceito e tabus em relação à sexualidade. Segundo os autores é preciso desenvolver ações educativas com adolescentes nas escolas, incluindo o profissional de saúde e a família.
Sampaio et al. (2010)	Discutir desafios relacionados à implantação de ações educativas em saúde sexual para adolescentes	Qualitativa. Observou-se a inexistência de ações educativas voltadas aos adolescentes, devido a falta de infraestrutura, despreparo e déficit de profissionais. O estudo aponta para a necessidade de práticas de saúde pautadas na formação de sujeitos-cidadãos responsáveis pelo cuidado da própria saúde.
Dias et al. (2010)	Relatar os efeitos das ações de educação em saúde junto à escola.	Qualitativa. Constatou-se que os adolescentes conhecem o preservativo masculino, mas não usam de forma correta e sistemática, e se expõem as DSTs e gravidez. Os autores defendem que as estratégias de educação em saúde devem ser direcionadas para a reflexão sobre as questões de risco e vulnerabilidades relacionadas ao comportamento sexual.

Quadro 2 (continuação)

Sanhua et al. (2010)	Avaliar em adolescentes a relação entre assistência individual e coletiva em serviços de aconselhamento sobre sexualidade	Quantitativa. Os garotos sem problemas de saúde eram mais propensos a procurar serviços de aconselhamento coletivo. O início da vida sexual foi mais provável entre os adolescentes de 15 ou mais anos de idade e sem segurança social. Os tipos de assistência dos serviços de aconselhamento podem estar relacionados as características sociodemográficas dos adolescentes.
Souza (2011)	Descrever a experiência sobre a elaboração de material educativo, no formato teatral, por adolescentes	Qualitativa. A produção de tecnologias educativas, construída pelos próprios adolescentes, possibilitou a ampliação de suas vivências e a ressignificação de conhecimentos.
Nogueira et al. (2011)	Descrever o processo de elaboração de um jogo educativo	Qualitativa. O processo desenvolvido auxiliou os jovens na construção de conhecimento, no diálogo e compreensão sobre atitudes de cada gênero. O jogo é uma alternativa para se criar um ambiente saudável e interativo quando o assunto é sexualidade.
Pereira et al. (2011)	Compreender e caracterizar os fatores que influenciam a sexualidade dos adolescentes	Qualitativa. Foram identificadas algumas características específicas da sexualidade dos adolescentes que vivem em meios mais carentes, destacando-se a existência de menos informação, menos comunicação com os pais e maior tendência para comportamentos de risco.
Silva et al. (2011)	Relatar uma atividade educativa realizada em uma escola com adolescentes	Qualitativa. As oficinas possibilitaram aos adolescentes discutir sobre a prevenção de DSTs, com participação ativa e interação com seus pares e educadores. Demonstraram grande interesse a respeito da sexualidade.
Martins et al. (2011)	Descrever uma experiência de orientação sexual para adolescentes, desenvolvida em uma escola pública.	Qualitativa. Observou-se a necessidade da interface entre a equipe de saúde da família e a escola, otimizando a a promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente. Sugeriu-se a introdução do tema nos cursos de graduação e pós-graduação, visando a formação de profissionais para essa nova demanda.
Theobald et al. (2012)	Avaliar conhecimento, atitudes, comportamento e transmissão das DSTs em adolescentes de uma escola pública, após a intervenção do projeto	Quantitativo. A maioria recebe informações acerca da sexualidade na escola. A média de idade de início sexual foi de 13,9 anos, 92,8% fazem uso do preservativo, sendo a prevenção da gravidez o motivo mais apontado. É de grande valia a intervenção da Universidade nas escolas, uma vez que esses são os locais onde os adolescentes afirmam receber a maioria das informações dos temas abordados.
Neto et al. (2012)	Relatar uma experiência de educação em saúde sobre sexualidade.	Qualitativa. Evidenciado a importância do desenvolvimento de uma ação crítica, reflexiva e participativa para a promoção da saúde dos adolescentes, abordando-se o tema sexualidade dentro da realidade local em conjunto com o serviço de atenção básica para favorecer a integração entre o ensino, o serviço e a comunidade.

Quadro 2 (continuação)

Ribeiro et al. (2012)	Avaliar o impacto de um programa de educação sexual nas atitudes de adolescentes.	Quantitativo. A participação no programa alterou efetivamente as atitudes dos adolescentes, sendo mais significativa nas meninas e nos adolescentes com maior sucesso escolar e status econômico.
Maia et al. (2012)	Relatar a experiência de um projeto de educação sexual para adolescentes	Qualitativa. Os conceitos cotidianos dos alunos, referentes à anatomia, fisiologia e saúde, foram superados por incorporação de novos conhecimentos científicos acerca dos temas abordados.

3. DISCUSSÃO

A metodologia qualitativa de abordagem participativa, representada em 76% dos artigos, contribui para o aprimoramento do saber por meio da reflexão, abertura ao diálogo e escuta, privilegiando a troca de experiências entre o pesquisador e o participante (SILVA et al., 2011; SILVA; FIGUEIREDO, 2012).

Os jogos e a dramaturgia aparecem como estratégias alternativas para educação em saúde, os quais tem o intuito de enfatizar a importância da junção de educação, criatividade e diversão no processo educativo. Os jovens afirmam que estas estratégias permitem uma maior participação de todos pois transforma o contexto em interativo, divertido e conscientizador. Estes modelos tentam transpor a tradição ao estimular a discussão entre os adolescentes, dando destaque à iniciativa e participação dos alunos no processo de aprendizagem (BARBOSA et al., 2010; NOGUEIRA et al., 2011; SOUZA, 2011).

A escola, como local de intervenção dos estudos, foi predominante na escolha dos pesquisadores, sendo representada por 88% dos estudos. Ela é o espaço que acolhe os jovens em grande parte do tempo em seu cotidiano conseguindo reuni-los em um mesmo local onde convivem e socializam, apesar de suas particularidades, sendo um ambiente favorável e privilegiado para educação e ações de saúde, pois é um espaço aberto à discussão e aquisição de informações (DIAS et al., 2010; MARTINS et al., 2011; NETO et al., 2012; SILVA; FIGUEIREDO, 2012; VIERO et al., 2015).

Os participantes tinham pouco conhecimento prévio a respeito do próprio corpo e IST/AIDS, bem como as suas formas de prevenção, tornando-os indivíduos limitados no campo do autoconhecimento e autopreservação. A escassez do conhecimento os coloca num patamar de vulnerabilidade, muito evidente quando a preocupação principal relatada é a gravidez indesejada, sendo desconsiderado os males que as IST/AIDS podem causar, principalmente no tocante as que ainda não possuem cura, como o HIV (DIAS et al., 2010; KOERICH et al., 2010; RIBEIRO; PONTES; SANTOS, 2012; SANHUA; ROLDAN; AYALA, 2010; SILVA et al., 2013; SILVEIRA et al., 2010; THEOBALD et al., 2012; VIERO et al., 2015).

Os mitos são inúmeros a respeito da sexualidade, para os adolescentes a transmissão de IST é mais provável em homossexuais ou profissionais do sexo e que podem ser prevenidas quando escolhem bem o parceiro, mantendo relacionamento estável e/ou usando pílula anticoncepcional isolada ou até camisinha dupla. O sexo oral foi associado à gravidez e o beijo como potente transmissor do HIV. Estes conceitos errôneos chamam a atenção e merecem consideração, pois os adolescentes estão refletindo a precariedade da atenção integral a saúde oferecida, a promoção de uma cultura do empoderamento, que liberta e torna-os conscientes de suas escolhas, ainda é precária. Pais, educadores e profissionais de saúde têm se mostrado

despreparados frente a demanda presente, há falta de criação de vínculo e abertura de espaços para o debate e expressão destes jovens (SILVA; FIGUEIREDO, 2012; BARBOSA et al., 2010; LAGO et al., 2015; MARTINS et al., 2011; MARTINS; SOUZA, 2013; NETO et al., 2012; KOERICH et al., 2010).

Foram mencionados fatores que levam a desprezar o uso de preservativo: o relacionamento estável, que tem significado de fidelidade, garantindo, no seu ponto de vista, proteção eficaz contra as IST/AIDS, desprezando a possibilidade de infecção prévia em relacionamentos anteriores e de que o físico aparentemente bonito não é sinônimo de saúde, já que muitas infecções possuem período de latência, no qual não há sintomatologia evidente. Outro fator é o de que há diminuição do prazer ao usar preservativo, entretanto é conhecido que o látex não atrapalha na sensibilidade peniana e inclusive, com as novas tecnologias, existem preservativos com aromas e sabores com o intuito de promover o seu uso e proporcionar uma alternativa de prazer. Dessa forma, estratégias voltadas para trabalhar o uso do preservativo, por ser ele o único método que previne IST/AIDS, devem ser priorizadas (SILVA; FIGUEIREDO, 2012; DIAS et al., 2010; KOERICH et al., 2010).

Adolescentes possuem muitas dúvidas, não é incomum que eles busquem saná-las em qualquer fonte que lhes proporcione esclarecimento, seja certo ou errado, alojando-se então riscos inerentes à confiabilidade das fontes informadoras, no compromisso da transmissão da verdade. As principais fontes citadas por eles são os colegas e a internet, não há busca de unidades básicas ou profissionais de saúde para acolhimento de suas dúvidas, o que acaba comprometendo a qualidade destas informações. É necessário a implementação de estratégias para aproximação e busca desses adolescentes, principalmente no que se refere a sua inserção na atenção primária, já que muitas vezes os tabus sociais inibem a procura destes serviços por eles (MARTINS; HORTA; CASTRO, 2013; MARTINS; SOUZA, 2013; NETO et al., 2012; PEREIRA; MATOS; LEAL, 2011; SANTOS, 2013; SILVA et al., 2011; SILVA; FIGUEIREDO, 2012).

A ideologia machista ainda é muito forte entre os jovens, enquanto o garoto é o ser potente e invulnerável, as garotas são submissas e frágeis, sofrendo abusos e tidas como objeto de satisfação, sendo colocadas em situação de risco, pois muitas vezes os garotos que não usam camisinha aplicam a responsabilidade da proteção à menina com discursos como: “pois é ela que engravida”. O homem é supervalorizado, e assuntos como aborto são trazidos à tona quando acontece uma gravidez indesejada, com alocação e transferência de culpa para a garota que “não se protegeu”. Estes apontamentos confirmam a forte herança cultural machista que deve ser confrontada a cada dia com medidas de incentivo e promoção da igualdade de gênero (DIAS et al., 2010; NETO et al., 2012; NOGUEIRA et al., 2011; PEREIRA; MATOS; LEAL, 2011; SILVA; FIGUEIREDO, 2012; SOUZA, 2011).

Seguindo esta reflexão cultural, alguns autores trouxeram ao debate o tema da heteronormatividade, que ainda é pouco discutido, mas que vem ganhando espaço nos debates a respeito de sexualidade. Os autores defendem que é preciso sensibilizar os adolescentes quanto a existência de diferentes situações do que é muitas vezes socialmente considerado o “normal” e que é preciso respeitar e tolerar as diferenças e ampliar as redes de relacionamento (BARBOSA et al., 2010; SILVA; FIGUEIREDO, 2012; SOUZA, 2011).

Além das diferenças anatômicas dos gêneros foi possível refletir de que forma os padrões de beleza estabelecidos tem influência na autoimagem dos adolescentes. Enquanto as garotas mostram-se insatisfeitas com seu corpo, ligado principalmente ao seu peso, os garotos correm em busca da hipertrofia muscular, sendo estas insatisfações muitas vezes precursoras da prática de atos ilícitos como uso de esteroides anabolizantes e desenvolvimento de distúrbios

como a bulimia e anorexia. É necessário diálogo a respeito da autoimagem e seu desenvolvimento, baseando-se na premissa de que cada um é diferente, que deve procurar seguir o melhor para si e não apenas para ser aceito, o padrão estabelecido socialmente é algo que poucos possuem, distanciando o que é considerado “perfeito” do que é realidade (MARTINS; HORTA; CASTRO, 2013).

Não é de hoje que questões sobre sexualidade são pouco exploradas dentro das casas dos adolescentes, por julgar o assunto impróprio ou não o dominar, a família que deveria acolher as dúvidas acaba distanciando pais e filhos, influenciando diretamente no aumento da vulnerabilidade devido ao pouco conhecimento (COSTA; MACHADO, 2014; MARTINS et al., 2011; MARTINS; SOUZA, 2013; PEREIRA; MATOS; LEAL, 2011; SILVA et al., 2011; SILVEIRA et al., 2010).

O enfermeiro mostrou ter um papel relevante na promoção da saúde, agindo em prol da mudança, buscando a consolidação de novas práticas de saúde por meio da atenção integral e o comprometimento com as reais necessidades da população. A maioria das ações de educação em saúde (52%) foram realizadas por este profissional, isto deve-se, provavelmente, à sua ligação maior com o cuidar, promovendo maior facilidade de estabelecimento do vínculo com os adolescentes (BARBOSA et al., 2010; KOERICH et al., 2010; LAGO et al., 2015; MARTINS; HORTA; CASTRO, 2013; RIBEIRO; PONTES; SANTOS, 2012; SILVEIRA et al., 2010).

As ações existentes ainda são insuficientes pois a mudança ocorre de forma gradativa e lenta, incentivos devem ser dados para o reforço de políticas de saúde e os adolescentes devem ser sensibilizados a terem uma vida de escolhas conscientes e saudáveis, respeitando e conhecendo a si e a sua sexualidade (CONSTANTINE et al., 2015; COSTA; MACHADO, 2014; DIAS et al., 2010; KOERICH et al., 2010; MAIA et al., 2015; NETO et al., 2012; PINTO et al., 2013; SAMPAIO et al., 2010; VIERO et al., 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como estratégia de educação houve predominância da abordagem participativa por meio de oficinas com os adolescentes, nas quais a exposição do tema ocorre de forma aberta favorecendo o diálogo. O uso de instrumentos alternativos como os jogos e a dramaturgia favorecem o ensino-aprendizado.

Os adolescentes mostraram maior interesse por temas como métodos contraceptivos, IST/AIDS e ainda as mudanças anatômicas e fisiológicas, relacionado principalmente à falta de conhecimento e evidenciado pelas suas dúvidas, que em sua maioria estavam relacionadas a estes assuntos.

Os participantes conceituaram sexualidade e sexo como sinônimos, acreditam que seja fator de proteção contra as IST/AIDS ter um parceiro fixo e/ou usar contraceptivos orais e ainda consideraram que homossexuais e profissionais do sexo têm maior chance de adquirir estas doenças, consideram também que o uso de camisinha dupla é fator de melhor proteção, associam sexo oral à gravidez e a possibilidade de transmissão do HIV através do beijo.

Os autores defendem que a educação em saúde necessita de implementação de estratégia de massa para acolhimento de uma parcela maior de adolescentes com foco na prevenção, uso de preservativo, igualdade de gênero e participação da família no desenvolvimento do adolescente. Além de ensinar, é preciso sensibilizá-los a realizarem escolhas conscientes.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, S.M.; DIAS, F.L.A.; PINHEIRO, A.K.B.; PINHEIRO, P.N.C.; VIEIRA, N.F.C. Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/AIDS. *Rev. Eletr. Enf. [Internet]*. 2010 Abr-Jun [citado 08.jul. 2016]; 12(2): 337-341. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/revista/v12/n2/v12n2a17.htm>.
- BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União, 13 jul 1990; 128(135): 13564-13577.
- CONSTANTINE, N.A.; JERMAN, P.; BERGLA, S.N.F.; ANGULO-OLAIZ, F.; CHOU, C.P.; ROHRBACH, L.A. Short-term effects of a rights-based sexuality education curriculum for high-school students: A cluster-randomized trial. *BMC Public Health [internet]*. 2015 [citado 08.jul. 2016]; 15: 293. Disponível em: <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-015-1625-5>.
- COSTA, S.M.B.; MACHADO, M.T.C. O corpo e a imagem corporal em adolescentes: perspectivas a partir do cuidado integral à saúde. *Adolescência e Saúde*. 2014 Abr-Jun; 11(2): 19-24.
- DIAS, F.L.A.; SILVA, K.L.; VIEIRA, N.F.C.; PINHEIRO, P.N.C.; MAIA, C.C. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. *Revista Enfermagem*. UERJ. 2010 Jul-Set [citado 08.jul.2016] 18(3): 456-461. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a21.pdf>.
- JANINI, J.P.; BESSLER, D.; VARGAS, A.B. Educação em saúde e promoção da saúde: impacto na qualidade de vida do idoso. *Saúde debate [internet]*. 2015, vol.39, n.105, pp.480-490. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-110420151050002015>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042015000200480&lng=en.
- KOERICH, M.S.; BAGGIO, M.A.; BACKES, M.T.S.; BACKES, D.S.; CARVALHO, J.N.; MEIRELLES, B.H.S.; ERDMANN, A.L. Sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e contracepção: atuação da enfermagem com jovens de periferia. *Revista Enfermagem - UERJ*. 2010 Abr-Jun; 18(2): 265-271.
- LAGO, A.M.L.; ESTEIRO, M.P.; PAN, L.M.; BOUZA, E.T. Una manera diferente de abordar la sexualidad, la contracepción y la prevención de infecciones de transmisión sexual desde la escuela en la Costa da Morte. *Enfermería Global [internet]*. 2015 Jul [citado 08.jul. 2016]; 14(39): 137-154. Disponível em: <http://revistas.um.es/eglobal/article/view/199371>.
- MAIA, A.C.B.; EIDT, N.M.; TERRA, B.M.; MAIA, G.L. Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em estudo*. [online]. 2012 [citado 08.jul.2016]; 17(1): 151-156. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000100017&lng=en&nrm=isso.
- MARTINS, A.S.; HORTA, N.C.; CASTRO, M.C.G. Promoção da saúde do adolescente em ambiente escolar. *Rev APS*. 2013 Jan-Mar. 16(1):112-116.
- MARTINS, C.B.G.; FERREIRA, L.O.; SANTOS, P.R.M.; SOBRINHO, M.W.L.; WEISS, M.C.V.; SOUZA, S.P.S. Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. *REME - Revista Mineira de Enfermagem*. 2011 Out-Dez; 15(4): 573-578.
- NETO, A.S.; SOUZA, T.M.O.; RISSATO, U.P.; SOUZA, P.M.G.; BRITO, P.V.N.; DYTZ, J.L.G. Programa de educação pelo trabalho para a saúde nas escolas: oficina sobre sexualidade. *Revista Brasileira de Educação Médica. [internet]*. 2012 Jan-Mar [citado 08.jul.2016]; 36(1): 86-91. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000200012&lng=en&nrm=iso.
- NOGUEIRA, M.J.; BARCELOS, S.; BARROS, H.; SCHALL, V.T. Criação compartilhada de um jogo: um instrumento para o diálogo sobre sexualidade desenvolvido com adolescentes. *Ciênc. educ.* (Bauru) [internet]. 2011 [citado 08.jul.2016] 17(4): 941-956. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132011000400011&lng=en&nrm=iso.
- PALMONARI, A. Os adolescentes: nem adulto, nem crianças: seres à procura de uma identidade

própria. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004.

PEREIRA, J.L.; FANELLI, C.; PEREIRA, R.C.; RIOS, S. (orgs). *Sexualidade na adolescência no novo milênio*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-reitoria de Extensão. 2007.

PEREIRA, S.; MATOS, M.G.; LEAL, I. Iniquidade, Etnicidade e Educação Sexual. *Psic., Saúde & Doenças [Internet]*. 2011 [citado 08.jul.2016]; 12(1): 77-90. Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164500862011000100005&lng=pt.

PINTO, M.B.; SANTOS, N.C.C.B.; ALBUQUERQUE, A.M.; RAMALHO, M.N.A.; TORQUATO, I.M.B. Educação em saúde para adolescentes de uma escola municipal :a sexualidade em questão. *Ciência, Cuidado e Saúde*. 2013 Jul-Set; 12(3): 587-592.UEM.

RIBEIRO, J.M.; PONTES, A.; SANTOS, L.R. Atitudes face à sexualidade nos adolescentes num programa de educação sexual. *Psicologia., Saúde & Doenças [Internet]*. 2012 [citado 08.jul.2016]; 13(2): 340-355. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext &pid=S16450086201200200015&lng=pt.

VASCONCELOS, E.M. Redefinindo as práticas de Saúde a partir de experiências de Educação Popular nos serviços de saúde. *Interface (Botucatu)*. 2001, vol.5, n.8, 121-126. Fev. 2001. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100009> Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832001000100009&lng=en.

VIERO, V.S.F; FARIAS, J.M.; FERRAZ, F.; SIMÕES, P.W.; MARTINS, J.A.; CERETTA, L.B. Educação em saúde com adolescentes: análise da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. *Esc. Anna Nery [Internet]*. 2015 Set [citado 08.jul.2016]; 19(3): 484-490. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141481452015000300484&lng=en.

SAMPAIO, J.; SANTOS, R.C.; PAIXÃO, L.A.; TORRES, T.S. Promoção da saúde sexual: desafios no Vale do São Francisco. *Psicologia e Sociedade*. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2010; 22(3): 499-506.

SANHUA, V.M.; ROLDÁN, G.T.; AYALA, .LR. Asistencia de adolescentes mexicanos a servicios de consejería sobre sexualidad y reproducción. *Invest. educ. enferm [online]*. 2010, Mar,[citado 8.jul.2016]; 28(1): 54-63. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-53072010000100007&lng=es&nrm=iso.

SANTOS, C.C. Atividades educativas em sexualidade com adolescentes na escola: relatando experiência. *Adolescência e Saúde*. 2013 Out; 10(supl. 3): 53-55.

SANTROCK, J. W. *Adolescência*. 14.ed. Porto Alegre: AMGH, 2004.

SILVA, A.D.L.; FIGUEIREDO, R.P. Educação sexual no ensino fundamental: o trabalho com alunos do 9º ano. *Olhar de Professor*. 2012 Jan-Jul [citado 08.jul.2016]; 15(1): 167-182. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/3629/3008>.

SILVA, D.M.; ALVES, M.R.; SOUZA, T.O.; DUARTE, A.C.S. Sexualidade na adolescência: relato de experiência. *Revista de Enfermagem*. UFPE online [internet]. 2013 Mar [citado 08.jul.2016]; 17(1): 820-823. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/3681/pdf_2201.

SILVA, K.L.; MAIA, C.C.; DIAS, F.L.A. VIEIRA, N.F.C.; PINHEIRO, P.N.C. A educação em saúde junto aos adolescentes para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. *REME - Revista Mineira de Enfermagem*. 2011, Jan-Mar [citado 08.jul.2016]; 15(4): 607-611. Disponível em: <http://reme.org.br/artigo/detalhes/77>.

SILVEIRA, A.; DONADUZZI, J.C.; DALL'ASTA, P.A.; NEVES, E.T. Sexual education for adolescents: a participatory research approach in the school. *Revista Enfermagem UFPE [online]*. 2010 Jan-Mar [citada em 08.Jul.2016]; 4(1):149-55. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewArticle/648>.

SOUZA, V. Adolescentes em cena: uma proposta educativa no campo da saúde sexual e reprodutiva.

Rev. esc. enferm. USP [Internet]. 2011 Dez. [citado 08.jul.2016]; 45(spe2): 1716-1721. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-6234-2011000800014&lng=en.

THEOBALD, V.D.; NADER, S.S.; PEREIRA, D.N.; GERHARDT, C.R.; OLIVEIRA, F.J.M. A universidade inserida na comunidade: conhecimentos, atitudes e comportamentos de adolescentes de uma escola pública frente a doenças sexualmente transmissíveis. *Revista AMRIGS*. 2012 Jan-Mar; 56(1):26-31. Associação Médica do Rio Grande do Sul.

WERNER D.; BOWER, B. *Aprendendo e ensinando a cuidar da saúde: manual de métodos, ferramentas e ideias para um trabalho comunitário*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1984.

WHO. The Ottawa Charter for Health Promotion. *1st International Conference on Health Promotion*, Ottawa; 1986 Nov 21; Ottawa, Canada [cited 2016 Mar 08]. Disponível em: <<http://www.who.int/healthpromotion/conferences/previous/ottawa/en/>>.

ABSTRACT

Sexuality becomes very evident in adolescents, so an integrative review of the literature was carried out in order to know the characteristics of the studies and of the participants in health education actions on sexuality in adolescence between 2010-2016. The school was the main place of intervention and Brazil the country with the most studies. There is a lack of information on topics such as STD/AIDS, pregnancy, contraceptive methods and anatomical and physiological changes, and it is noticeable that there are still myths and taboos about sexuality. There is a distance between parents and children when the issue is sexuality, school does not effectively develop the topic, basic health care has low demand for adolescents and, in this context, young people try to solve their doubts in precarious sources. The machismo evidently makes boys feel invulnerable when compared to girls who put themselves in submission. Body image has relevance, while boys seek muscle modeling, girls are dissatisfied with their weight. The theme is well accepted in health education actions, probably linked to the lack of information and dialogue, for this reason it is necessary to create the school-family-UBS link to broaden the debate and create solid governmental actions regarding sexuality education.

KEYWORDS

health education, sexuality, adolescence.